

# Temporalizações e temporalidades: sobre o tempo no acontecimento do dizer

Nádia Dolores Fernandes Biavati\*

Gabriele Cristine Carvalho\*\*

## Resumo

O presente trabalho apresenta os modos como mobilizamos sentidos sobre o tempo nos acontecimentos de dizeres típicos da pandemia do SARS-COV-2. Destacamos formações, como “novo normal”, “dia D” e “hora H”, que caracterizam o referencial histórico da pandemia pelo olhar da Semântica da Enunciação. Propomos o foco na temporalidade do dizer, conforme Guimarães (2002, 2018), uma vez que o acontecimento temporaliza, ou seja, a enunciação produz o tempo, que se materializa no enunciado. Nesse ponto, discutimos uma proposta de olhar de separação didática dos sentidos que construímos sobre o tempo, realçando como a temporalidade do dizer acontece e o modo como temporalizações reconstróem e redefinem sentidos, imprimindo a nossa visão às significações e como elas se (re)moldam, produzindo os acontecimentos do dizer sobre/na pandemia, uma vez que os sujeitos são tomados pela linguagem na historicidade e constituem o logos. Desse modo, observamos como os discursos se dão a partir de referenciais, moldando o mundo pela linguagem que por vezes se delinea nas emergências.

Palavras-chave: Pandemia; Temporalização; Semântica da enunciação; Formação nominal.

---

\* Professora da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3119-793X>.

\*\* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG). Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). Docente do IFMG – Campus Santa Luzia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9871-2895>.

# Temporalizations and Temporalities: About Time in the Event of Saying

## Abstract

This work presents the ways in which we mobilize meanings about time in the events of typical sayings of the SARS-COV-2 pandemic. We highlight formations, such as “novo normal”, “dia D” and “hora H”, which characterize the historical reference of the pandemic, through the Semantics of Enunciation. We propose a focus on the temporality of the saying referred by Guimarães (2002, 2018), since the event temporalizes. At this point, we discuss a proposal to analyse the didactic separation of meanings that we build about time, highlighting how the temporality of saying happens and the way temporalizations reconstruct and redefine meanings, placing our view on meanings and how they are (re)shaped, producing the events of saying about/in the pandemic, since the subjects are taken by the language in the historicity and constitute the Logos. Therefore, we can observe how discourses emerge from referentials, shaping the world through the language that is sometimes outlined in emergencies.

Keywords: Pandemic; Temporalization; Semantic of enunciation; Nominal formation.

Recebido em 01/02/2022. // Aceito em 22/09/2022.

## Introdução

O presente trabalho apresenta os modos como mobilizamos sentidos nos acontecimentos de dizeres típicos da pandemia do SARS-CoV-2. Nosso foco se concentra em articulações intra e internominais que nomeamos como temporalizações em sua formação e efeitos de sentido, por meio da análise dos usos de formações, como “novo normal”, “dia D” e “hora H”, que caracterizam o referencial histórico da atualidade.<sup>1</sup> Propomos um olhar sobre a temporalidade do dizer a que se refere Guimarães (2002, 2018), uma vez que o acontecimento temporaliza, propõe uma reinvenção dos sentidos. Desse modo, quanto aos sentidos que produzimos no/sobre o tempo, preferimos uma subdivisão entre o que se nomeia em temporalidades e temporalizações produzidas nos dizeres na/sobre a pandemia, pois tal acontecimento nos mobiliza desde fevereiro de 2020.

Nossa concepção de linguagem nos leva, portanto, à observação de enunciados na historicidade do acontecimento, pois acreditamos que é pela Semântica da Enunciação que observamos o modo como se dá a regularidade dos sentidos e o modo como eles se acomodam no acontecimento da enunciação. Nosso recorte se dá a partir da observação de amostras dessa temporalidade, destacando o modo de reconhecer que o acontecimento temporaliza, pois gera um modo próprio de olhar para as emergências da pandemia, em sentidos pelos quais somos tomados, produzindo o acontecimento sobre a pandemia que produz a linguagem.

Nossa condição de observadores e atuantes nos coloca frente aos referenciais históricos da pandemia, por nos fazer

---

<sup>1</sup> Confira também: Guimarães (2018), Carvalho e Biavati (2021), os quais também tratam sobre temporalização.

alcançar fatos presentes e pertinentes à realidade que ora se impõe. Tomamos como tema de discussão especialmente as temporalidades no dizer, destacando em que medida elas temporalizam, considerando nossas vivências sobre um dado tempo – no caso, o tempo da pandemia.

Sendo assim, este trabalho se fundamenta nos pressupostos teóricos da Semântica da Enunciação, principalmente nos trabalhos desenvolvidos por Eduardo Guimarães (2002, 2018) e Luiz Francisco Dias (2015a, 2015b, 2018).

## **1 A enunciação**

A Semântica da Enunciação propõe observar os sentidos que mudam ou se deslocam, tendo o foco voltado para os referenciais históricos que acompanham e ancoram a significação, convocando as unidades linguísticas em relação. Interessam os domínios de mobilização, ou seja, os aspectos que lhes propiciam as características enunciativas, produzindo condições para cada significação, pois cada produção de sentido carrega uma história e se entrelaça às outras produções de sentido num dado espaço de significação, possibilitando a manutenção e a movência dos sentidos.

É justamente o acontecimento da produção de sentidos – nessa rede, em que enunciações anteriores dão suporte para as enunciações do presente que projetam significações futuras – que constitui a enunciação, segundo Guimarães (2002). Quando enunciamos, participamos das formas da língua para produzir sentidos. Isto é, a enunciação é um ato histórico e, sobretudo, político nesse entendimento, visto que, conforme o autor supracitado, o acontecimento enunciativo ocorre em um

espaço de enunciação que é regulado pela relação desigual entre línguas e falantes, incontornavelmente político, já que esse é um espaço de divisão, baseado na contradição entre as posições normativas “que organizam desigualmente o real e a afirmação de pertencimento dos não incluídos” (GUIMARÃES, 2002, p. 17). O político se instala no litígio dos desequilíbrios sociais por meio da palavra, porque os espaços são desigualmente divididos, provocando uma disputa pela significação, provocando redivisões. Nesse ponto, Guimarães (2002) confere o olhar ao que Rancière (1996) considera como político, apoiando a ideia de que os sentidos se constituem na enunciação, com a sucessão de enunciados imbuídos do histórico e atravessados pelas lutas e resistências.

Nessa perspectiva, Guimarães (2002) propõe que a temporalidade se produz em um presente que se abre em latência de um futuro, pois a linguagem ocorre a partir dessas projeções. A significação se dá com o interpretável, como um acontecimento que se faz a partir do histórico, em que os já-ditos se reformulam, reconfigurando um tempo que se instala diante do político /logos que se produz na enunciação da pandemia, porque o acontecimento enunciativo ocorre em um espaço de enunciação que é regulado pela relação desigual entre línguas e falantes. Segundo o autor:

[...] os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos pela equivocidade própria do acontecimento: da deontologia, que organiza e distribui os papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais. (GUIMARÃES, 2002, p. 18-19).

Dias (2018, p. 65) nos explica que, quando falamos, “[...] nos situamos numa relação com o espaço de enunciação que determina o alcance dos sentidos do que dizemos”. Dessa forma, organizamos enunciados que se guiam pela atualização temporal-sócio-histórica em um momento em que relações mundiais se tornam frágeis diante do vírus que, em 2020 e ainda em 2021, nos trouxe uma emergência, obrigando-nos, no processo de vacinação de 2021<sup>2</sup>, a construir marcas para as quais produzimos nossa relação com o evento que comporta presente, passado e futuro, assim nos convocando a produzir dizeres a partir de nossas filiações institucionais.

Nossas escolhas são políticas, alicerçadas no *logos*, conforme propõe Rancière (1996). Discutimos que essa forma de política é alicerçada na palavra, porque nossas ações se desdobram em práticas cotidianas para reivindicar e garantir que a sociedade funcione adequadamente e reserve a todos a participação do sensível. O modo de lidar com o tempo mostra que a faceta política atravessa a sociedade e se torna efetiva quando é reservado a alguns o direito à palavra. Tomar a palavra com que se nomeiam perspectivas sobre o tempo – e com que se tematizam as temporalidades e as temporalizações – acaba por marcar posicionamentos. Por isso, acreditamos que as determinações temporais se constituem enunciativa e discursivamente.

Tomando como base os trabalhos de Eduardo Guimarães (2002, 2018), Luiz Francisco Dias (2015a, 2015b, 2018) também considera a enunciação como o acontecimento histórico

---

<sup>2</sup> A primeira brasileira a se vacinar contra a Covid-19 foi a enfermeira Mônica Calazans no dia 17 de janeiro de 2021. Em 30 julho de 2021, aproximadamente metade da população brasileira havia tomado a 1ª dose da vacina contra a Covid-19. Nesse mesmo período, aproximadamente 20% dos brasileiros já haviam tomado a 1ª e a 2ª doses da vacina. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-aplica-primeira-dose-de-vacina-da-covid-em-100-milhoes-de-pessoas/>. Acesso em 22 jan. 2022.

da produção de sentidos, mas fundamenta sua teoria em torno de dois conceitos: o **referencial histórico** – derivado do conceito de “referencial” de Foucault – e a **pertinência enunciativa**.

O conceito de referencial histórico é inspirado nos estudos realizados por Foucault (2000) sobre os sistemas de regulação, delimitação, estabilização e sustentação das práticas discursivas. De acordo com Foucault, os sistemas de exclusão externos são a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade de uma época, a qual se apoia não apenas nas instituições, mas também na forma como os saberes são valorizados e distribuídos. Os sistemas internos se dão na ordem do dizer, com o autor, o comentário (as remissões aos textos dos autores) e as disciplinas<sup>3</sup>. Esses sistemas parecem positivos por mostrar as filiações discursivas, mas, por outro lado, excluem saberes não valorizados ou instituídos.

Para estudar o funcionamento desses sistemas mencionados anteriormente, Foucault, na edição de 2019, em *Arqueologia do Saber*, defende a necessidade de se estudar as formações discursivas, ou seja, descrever os enunciados, mesmo considerando que são lacunares e estão em dispersão. Propõe, então, que, da mesma forma que as frases têm como correlato um referente, os enunciados têm um referencial. Nas palavras do autor:

[...] o referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das reações que são postas em jogo pelo próprio

---

3 Para Foucault (2000), existe um “desnívelamento dos discursos”, isto é, os discursos do dia a dia são transitórios, pois “passam com o ato mesmo que os pronunciou” e os discursos que originam os atos novos de fala, que teriam uma duração, “são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (p. 22). Os primeiros seriam comentários, “que repetem, glosam e comentam” e os segundos, os que requerem autoria, seriam “os discursos fundamentais ou criadores” (p. 23). As disciplinas também funcionariam como uma “polícia discursiva”, já que “cada disciplina reconhece proposições verdadeiras e falsas; mas ela repele, para fora de suas margens, toda uma teratologia do saber” (p. 33).

enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação [...]. (FOUCAULT, 2019, p. 110-111).

À luz desse conceito de referencial, Dias (2015a, 2015b, 2018) sustenta que os nossos dizeres possuem uma filiação baseada no funcionamento histórico da sociedade, no seu sistema de verdades, regulações e proibições. Portanto, o referencial histórico é “o domínio da ancoragem da significação na língua, a partir do funcionamento das relações sociais. Trata-se da filiação institucional dos nossos dizeres, quando a enunciação adquire suporte na constituição histórica da sociedade” (DIAS, 2018, p. 142).

Acreditamos que o referencial histórico acerca da experiência com a pandemia fez sentido, pois nos trouxe cenas enunciativas que acionaram nosso olhar a essa experiência, em uma memória criada na ordem das emergências, com linguagem própria para produzir acontecimentos.

As diversas demandas do presente nos mobilizam a participar das cenas enunciativas, seja respondendo, questionando, averiguando, elogiando etc. Essa participação, que é constitutiva do acontecimento enunciativo, e se relaciona com um conjunto de enunciações que nos cercam, é conformada pelos gêneros e tipos textuais, pelos atos de fala e pelos domínios discursivos. Essa atuação é considerada, por Dias (2018), **pertinência enunciativa**. Dessa forma, a enunciação para o autor é “um acontecimento de produção do enunciado, porque cruzam-se os referenciais de memória com as pertinências desses enunciados, tendo em vista uma presentificação no espaço enunciativo de dizeres” (DIAS, 2018, p. 107).



A produção dos discursos, desse modo, se dá por caminhos e um deles é o encapsulamento, quando atualizamos articulações ao considerar nossa experiência na busca pelo *logos*, mobilizando e produzindo léxico em uma ordem própria, para alcançar a dinâmica dos sentidos que resvalam a lógica do dicionário e tratar dessa nossa condição, produzindo um universo de formações apropriadas para extravasar “em palavras” o que nos toma em nossas vivências.

Nas condições da pandemia, a pertinência é construída por gestos representativos de posições, compartilhados a partir do que se acredita ser pertinente (DIAS, 2018, p. 23), tomando as razões enunciativas (DIAS, 2018) para a mobilização de dizeres ancorados nas discursividades, em um processo de formulação.

As formas linguísticas se projetam pelo acontecimento enunciativo em que se tornam mais ou menos visíveis motivações para significar em dada direção. Entendido como equivalente a “sentido”, o termo “significação” adquire novos contornos a partir dessa visão semântica não formal, pois cada forma significativa se filia a um domínio de mobilização que lhe é pertinente. Há um movimento de valoração por meio do qual se dá a articulação das formas.

O diálogo entre os estudos discursivos e os estudos da Semântica da Enunciação, de Eduardo Guimarães e de Luiz Francisco Dias, nos trouxe possibilidades para analisar os enunciados como unidades linguísticas que guardam determinadas relações com o que entendemos como atravessamentos de uma ou várias historicidades. Cada enunciado carrega marcas de discursos em sua historicidade, contando com interdiscursividades que atravessam o caminho das formas linguísticas. Um dado conjunto de enunciados ou de formas pode ancorar relações a

partir das demandas geradas em linguagem como prática social. É na enunciação que se produzem as temporalidades. E é no conjunto de temporalidades que se projetam as vivências que, resultantes do que enunciamos, temporalizam os sentidos. Sendo assim, entendemos que a relação com o tempo e com a palavra se desenrola como a ação política de se manifestar sobre o bem comum e/ou suas implicações.

### **1.1 Temporalização e semântica da enunciação**

A Semântica da Enunciação, para a qual o funcionamento da língua e da linguagem toma preponderância, indicou-nos modos de observar a potencialidade do dito, por quem é dito, no momento do dizer que nos orienta para postulações sobre o tempo físico e o modo como nos organizamos a partir dele. Quando tomamos o tempo pelo viés linguístico, construímos uma temporalidade própria sobre o que vivenciamos e como movimento do dizer que se dá com sua própria ordem (GUIMARÃES, 2002).

Guimarães (2002) define a enunciação como o acontecimento da produção de sentidos que cria uma temporalidade no presente do enunciar. O acontecimento é perpassado pela memória, gerando uma latência de futuro. Isto é, embora se fundamente em Émile Benveniste (1989, 1976) – o autor defende que, ao colocar a língua em funcionamento, o locutor instaura o tempo; e –, para Guimarães (2002) é o acontecimento que temporaliza. Para o autor, o sujeito, portanto, não é a “origem do tempo”, ele é “tomado na temporalidade do acontecimento” (GUIMARÃES, 2002, p. 12). Isso significa que, apesar de compartilharmos uma forma de instaurar o tempo e medi-lo, é a produção de sentido que opera com o tempo, é ela que governa o modo como produzimos e tomamos a temporalidade de nossa enunciação.

Sobre a temporalidade, Guimarães (2002) defende que ela, de um lado, “abre uma latência de futuro”, sem a qual nada é interpretável, porque “todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro” (GUIMARÃES, 2002, p. 12), e, por outro lado, esse acontecimento só é possível devido a um passado de significações que lhe permite significar.

Para nós, a percepção sobre o tempo atua de duas maneiras na língua que podem ser, didaticamente, divididas em temporalidades e temporalizações:

- Como **temporalidades** entendemos que a produção da significação projeta o modo de ver o tempo como sucessão linear de acontecimentos. Origina formações inter e intranominais que se relacionam à nossa capacidade para enumerar datas, contar os dias, nomear eventos na sucessão e tomar ações em sequência. É um tempo marcado, é a forma como enunciamos para lidarmos com o calendário.
- Como **temporalizações**, devido ao fato de que a linguagem nos toma, destacamos a visão sobre o tempo que burla a organização do enunciável em sucessão no calendário. Atualiza sentidos até então estáveis, projeta modos como vivenciamos um tempo marcado fora do cronometrável. Projeta formações nominais, intra e internominais que lidam com o enunciável constituído no plano morfossintático, tratando das suas especificidades.

A linguagem instaura temporalidade(s) e isso faz com que se instalem marcos linguísticos que projetam o viver, acontecimento passível de ser visto perenemente e presente no nosso cotidiano, pois produzimos dizeres que nomeiam dias, eventos situados no tempo e no espaço, medindo-os em tom e voz. Nesse ponto, nomeamos formações nominais que tomam essa sucessividade como temporalidade que se mostram em produções de linguagem que estão há muito no nosso cotidiano, obedecendo a essa cronologia.

De forma revisitada, decidimos estabelecer que, ao temporalizar os acontecimentos, produzimos, pelos dizeres, o

que denominamos como temporalizações, considerando que, no conjunto de discursividades, nos apropriamos do tempo, temporalizando sentidos que se dão nas urgências e nas frestas dos discursos, avançando para além de uma visão cronológica, destacando a nossa experiência interna humana produzindo sentidos. O acontecimento temporaliza, mas não somente como um eco do passado que produz novas significações; ele pode burlar o próprio tempo ao mesclar diferentes referenciais históricos, em um hibridismo ímpar.

As temporalizações se dão constituídas também na organização das relações historicizadas. Nesse ponto, uma faceta das temporalizações se mostra como enunciação de um tempo das urgências, de modo a lidar com as contingências de algo que nos foi imposto – como é o caso da pandemia do SARS-CoV-2. Essa produção de sentidos mudou nossa forma de pensar o mundo – e trouxe vários gatilhos relacionados aos dizeres sobre prazer e desprazer/desfrutar e reservar-se no tempo e no espaço que se manifestam nas mais diversas formações nominais que evocam temporalizações.

## **1.2 As formações nominais para compreender os caminhos dos sentidos**

Ao defender uma forma não referencialista da linguagem, segundo a qual não existe uma relação direta entre linguagem e mundo, Dias (2015a) cria o conceito de **formação nominal** (FN) em oposição ao de **sintagma nominal** (SN). Se, para os adeptos do sintagma nominal, “enunciar é formular propriedades da realidade” (p. 116), propõe-se, em uma concepção enunciativa, que a constituição de uma forma linguística (e sua articulação

a outras formas nos processos de formação de palavras) ocorre por razões enunciativas e por conformações às regularidades linguísticas. Trata-se, portanto, de uma abordagem vertical dos grupos nominais e não de uma abordagem horizontal, como ocorre com o conceito de sintagma nominal (DIAS, 2015a; 2015b).

Na teoria, a nominalidade é estudada em três dimensões, sempre considerando as razões enunciativas que levam às articulações:

- **Articulações subnominais:** relacionam-se à análise da constituição dos nomes e sua estabilização na língua, como se observa na Figura 1.

### Figura 1- Articulação subnominal: a FN “quarentena”<sup>4</sup>.



Fonte: Cazo (Diário Popular, 2020)

Na charge, a FN “quarentena” ultrapassa o sentido de recolhimento por 40 dias para impedir a contaminação por uma doença contagiosa. Essa FN é perpassada por referenciais históricos que criam novos efeitos de sentido. “Quarentena”, principalmente durante a pandemia (Covid-19), significou

<sup>4</sup> Disponível: <https://pt-br.facebook.com/diariopopularRS/posts/3377093805651897/>. Acesso em: 07 jan. 2022.

para os brasileiros um período de incertezas quanto à duração da pandemia/quarentena e quanto ao trabalho, ao estudo e às atividades de lazer. Na tirinha (Figura 1), essas incertezas e medos se somam à estadia da sogra que, assim como a pandemia, passa a ser indefinida. Acrescente-se a isso os referenciais que temos da relação entre sogras e genros/noras (que normalmente envolvem disputas e intrigas), os quais estão implícitos na tirinha e são sugeridos pelo uso da máscara-sorriso que a mulher pede para o marido utilizar.

- **Articulações intranominais:** relacionam-se à análise de nomes constituídos a partir da agregação de formantes (processos de composição e derivação), conforme se pode observar na Figura 2.

### Figura 2 - Articulação intranominal: “quarentenar”.<sup>5</sup>

José Mateus Moreno - Fundador do diariOnline Região Sul / Correspondente no Brasil

## Milionários brasileiros procuram casas para 'quarentenar' versus viver em Portugal

José Mateus Moreno 27 Set 2020 19:04 Opinião

Locais de interior, que reúnam as condições essenciais para uma vida tranquila e isenta de poluições ambientais e humanas, são opções corretas para se viver

Fonte: José Mateus Moreno (Diário Online Região Sul, 2020)

Destacando especialmente a demanda do tempo presente, escolhemos a produção de sentidos a partir da pandemia. Para nós, o termo “quarentena”, na temporalização do dizer, atualizou-se, ultrapassando a cena de “estar recolhido(a)” durante o tempo de 40 dias, como vimos na tirinha (Figura 1).

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://regiao-sul.pt/2020/09/27/opiniao/milionarios-brasileiros-procuram-casas-para-quarentenar-vs-viver-em-portugal/512809>. Acesso em: ago. 2021.

Produzimos sentidos com o termo “quarentena(ar)”, que se torna possível na língua, mas não é possível “pandemia(ar)”, pois, na historicidade do dizer, tornou-se possível a forma verbal “quarentenar” como uma temporalização, algo condizente com resguardar-se na pandemia durante um lapso de tempo. Já os sentidos construídos não tornam usual a forma “pandemiar”, considerando historicidades e articulações morfossintáticas internas envolvendo o termo “pandemia”.

Vejam os outros exemplos de articulação intranominal a seguir.

### Figura 3 - Articulação intranominal: “quarentena”.<sup>6</sup>

**'Estamos exaustos': o efeito da quarentena mais longa do mundo sobre os argentinos**

Veronica Smink  
Da BBC News Mundo na Argentina  
28 agosto 2020



A quarentena na Argentina já dura 5 meses

Alguns argentinos a chamam de “quarentena”, fazendo piada, porque o isolamento social preventivo e obrigatório decretado há cinco meses pelo governo de Alberto Fernández tornou-se a quarentena ininterrupta mais longa do mundo.

O longo confinamento criado para evitar uma maior propagação do coronavírus tem efeitos colaterais econômicos, sociais e psicológicos.

Afecta principalmente o coração demográfico, financeiro e industrial do país: a região metropolitana de Buenos Aires, onde vive cerca de 40% da população argentina e onde se concentrou a pandemia do coronavírus.

Fonte: Veronica Smink (BBC News, 2020)

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53870868>. Acesso em: 07 jan. 2022.

Em “quareterna”, temos uma FN formada pela junção de “quarentena” e “eterna”, em que os referenciais de angústia (espera), devido ao período de isolamento, se mesclam com o de tempo ininterrupto (“eterna”) para discursivizar (discurso social) – “a quarentena ininterrupta mais longa do mundo”.

Essa mistura de referenciais se projeta na designação de um nome novo, capaz de encapsular o momento de indefinição e de tormenta dos argentinos.

- **Articulações internominais:** relaciona-se à análise das articulações entre unidades nominais para formar grupos nominais complexos. Observe a FN “quarentena negra” no trecho do texto a seguir.

### **Quarentena negra**

A proposta de realizar a Live com tema pertinente à nossa realidade foi uma iniciativa do **“Elas por Elas MT”** e que, com certeza, aguçou a minha vontade de dialogar na perspectiva do recorte de gênero e de raça o tema que hora nos preocupa que é **“o impacto da Covid-19 na população negra”**.

Assim sendo, procurei dividir esse diálogo em partes: primeiro a situação das mulheres negras, visto a grande preocupação por conta da vulnerabilidade que é apontada nas pesquisas dos últimos anos, principalmente no **“Dossiê das Mulheres Negras no Brasil”**<sup>7</sup> que aponta como causa principal dessa exclusão a condição econômica que essa mulher passa; pois a maioria vive em situação de pobreza e conseqüentemente são vítimas das diversas formas de violência por conta do racismo estrutural (sic)<sup>8</sup>.

---

7 O texto parece fazer referência ao Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil, que foi organizado por Mariana Mazzini Marcondes, Luana Pinheiro, Cristina Queiroz, Ana Carolina Querino e Danielle Valverde (IPEA, 2013). Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3039/1/Livro-Dossi%3%aa\\_mulheres\\_negras-retrato\\_das\\_condi%3%a7%c3%b5es\\_de\\_vida\\_das\\_mulheres\\_negras\\_no\\_Brasil](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3039/1/Livro-Dossi%3%aa_mulheres_negras-retrato_das_condi%3%a7%c3%b5es_de_vida_das_mulheres_negras_no_Brasil). Acesso em 22 out. 2022.

8 QUARENTENA negra. **Mega Pop**. 13 nov. 2020. Grifos do autor. Disponível em: [https://www.megapop.com.br/eventos/id-591383/live\\_27\\_de\\_abril\\_com\\_antonieta\\_costa\\_](https://www.megapop.com.br/eventos/id-591383/live_27_de_abril_com_antonieta_costa_). Acesso em: 13 nov. 2020.



Em “quarentena negra”, FN em que se observam relações internominais, o nome “quarentena” sofre a perspectivização do adjetivo “negra”, isto é, o adjetivo tem o papel de evocar algumas memórias do substantivo e acioná-las no momento da enunciação<sup>9</sup>. A FN “quarentena negra” apresenta um referencial de tempo indefinido do nome “quarentena”, aliado ao referencial de raça, mostrando, por meio da articulação com a FN, o impacto da Covid-19 para a população negra, evidenciando assim que essa temporalização ocorre de forma diferente para essa parcela da população.

A seguir, analisamos outras formações, tendo por base o trabalho de Dias (2013) sobre as formações nominais, cuja abordagem se fundamenta não na descrição do sintagma nominal, mas no modo como os referenciais de sua produção se dão diante das articulações interna e externa. Conforme o referencial que se tem de “quarentena”, que é bem atual, faz-se possível tomá-la como forma nominal, cujos elementos posteriores ao substantivo na cadeia sintática tornam-se qualificadores.

## 2 Metodologia

Uma estratégia para análise que utilizamos com base na Semântica da Enunciação é o uso de redes enunciativas. Tomamos as redes enunciativas como possibilidade para lidar com a observação de articulações linguísticas, uma vez que formar redes consiste em comparar formas linguísticas, por contraste ou por semelhança, para observar como se dão os mecanismos que se entrecruzam nas articulações e, ao mesmo tempo/simultaneamente, moldar o cruzamento entre memória e atualidade.

---

<sup>9</sup> Segundo Dias (2018, p. 155), “o conceito de perspectivização está centrado na tese de que os determinadores da FN exercem o papel de evocar o caráter memorável do substantivo e situá-lo no presente da enunciação”.

Essa efetividade das redes enunciativas como procedimento metodológico acontece porque tornamos visíveis os processos e a formulação. Essa condição de historicizar o movimento enunciativo pode também tornar efetivas e comparáveis as relações de sentido projetadas no acontecimento do dizer. Pelas redes, pode-se realizar um conjunto de testagens para compreendermos que é possível, por exemplo, que alguns enunciados sejam aceitos, outros não, e que alguns enunciados sejam condizentes com determinadas posturas, eventos e valores, outros não.

Para observar os modos de funcionamento de temporalizações em sua formação e efeitos de sentido, analisaremos redes enunciativas com os usos de “novo normal”, “dia D” e “hora H”, construídas a partir de textos retirados de pesquisas realizadas nas buscas do Google e em redes sociais.

### **3 O antes e o depois da pandemia: formações nominais “velho normal” e “novo normal”**

Em Dias (2018, p. 119), a FN é concebida a partir da sua capacidade temática. As formações “velho normal” e “novo normal” ocorrem como tema de fala, quando os sujeitos experienciam hábitos anteriores e posteriores à pandemia. Vejamos a seguir essa forma de articulação internominal no título de uma reportagem e em um webinar (seminário online) sobre odontologia.

## Figura 4 - Formação nominal “velho normal”.<sup>10</sup>

Hábitos

A vacina nos devolverá o velho normal?

domingo 27 dezembro 2020 0:00 — Por Marcos Aurélio Silva —

A imunização não nos trará uma solução mágica e repentina. Sonhamos em voltar aos hábitos antigos, mas nos adaptamos a um novo cotidiano que dificilmente será desprezado no pós-pandemia



Fonte: Marcos Aurélio Silva (R7, 2020)

## Figura 5 - Formação nominal “novo normal”.<sup>11</sup>



Fonte: IMED

10 Legenda: A imunização não nos trará uma solução rápida e repentina. Sonhamos em (sic) voltar aos hábitos antigos, mas nos adaptamos a um novo cotidiano que dificilmente será desprezado pós-pandemia. Disponível em: <https://www.jornalopeao.com.br/colunas-e-blogs/ponto-de-partida/a-vacina-nos-devolvera-o-velho-normal-303116/>. Acesso em: 22 out. 2022.

11 Legenda: O “novo normal” em educação e práticas odontológicas: um panorama mundial. The “New Normal” in education and dental practice: a world overview. Disponível em: <https://imed.edu.br/Comunicacao/Noticias/webinar-debate-o-pos-pandemia-em-educacao-e-praticas-odontologicas>. Acesso em: 02 ago. 2021.

Mas por que perspectivar o “normal” com os adjetivos “velho” e “novo”? O “velho normal” não seria apenas o que nós chamávamos de normal? É possível normalizar práticas e hábitos que destoam daquilo que chamávamos de normal? As FNs “velho normal” e “novo normal” acionam discursos que trazem uma reflexão sobre o que fazer e como proceder diante da pandemia e como tais ações se diferenciam ou se diferenciarão diante dessa realidade. Assim, as FNs “velho normal” e “novo normal” marcam um retorno à normalidade, mas aquela traz uma temporalização que aponta para o período de não normalidade, uma vez que o adjetivo “velho” é perpassado pelos referenciais do período pandêmico – o “velho normal” é diferente do “normal” –; já a FN “novo normal” indica a criação de outros parâmetros que visam estabelecer o que chamaremos de normalidade após um período de pandemia, parâmetros que diferem dos anteriores, especificamente no caso do webinar, relacionados às práticas odontológicas. Nos dois casos, os adjetivos sinalizam que o que chamávamos de “normal” tornou-se inalcançável depois do período pandêmico. A normalidade do passado é ressignificada e a do futuro é modificada.

#### **4 “Dia D” e “Hora H”**

A formação nominal “Dia D” é mundialmente conhecida. Trata-se do dia em que os soldados das tropas Aliadas desembarcaram nas praias da Normandia para começar uma ofensiva contra o exército de Hitler. O “Dia D” (Operação *Overlord*) ocorreu em 6 de junho de 1944, durante a Segunda

Guerra Mundial, e modificou não somente a história da Europa, mas, possivelmente, de todo o mundo. As origens do “Dia D”, portanto, aludem a um passado bélico de vitória contra o nazismo.

Essa expressão, que tem mais de 70 anos, adquiriu outro sentido no Brasil, passando a designar um tempo impreciso na fala do ministro da Saúde. Ao ser cobrado sobre o início da vacinação contra o novo coronavírus no Brasil, o ministro da Saúde Eduardo Pazuello tomou um referencial indefinido (para tal início), como se pode ver na matéria do *Correio Brasiliense* a seguir:

“Todos os Estados receberão simultaneamente as vacinas, no mesmo dia. A vacina vai começar no dia D, na hora H, no Brasil. No primeiro dia que a autorização for feita, a partir do terceiro ou quarto dia estará nos Estados e municípios para iniciar a vacinação. A prioridade já está dada, é o Brasil todo”. (CORREIO BRAZILIENSE, 11/01/21)<sup>12</sup>.

A produção de tal acontecimento se definiu quando se percebeu a necessidade incontornável de responder à demanda de uma temporalidade definida que indicasse uma data para o início da vacinação. Tal afirmação não foi bem aceita, exatamente por manifestar tal indefinição, o que possibilitou a produção de muitos memes – alguns dos quais serão analisados a seguir.

---

<sup>12</sup> PAZZUELLO diz que vacinação começa no “Dia D, na Hora H”. *Correio Brasiliense*. 2021. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2021/01/4899602-pazuello-diz-que-vacinacao-comeca-no-dia-d-na-hora-h.html>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

Figura 6 - Formação nominal “Dia D e Hora H”.<sup>13</sup>



Fonte: Twitter (Estado de Minas, 2021)

O meme<sup>14</sup> destaca o referencial da dúvida que ancora a articulação internominal em questão. No mapa (Figura 6) são apresentadas várias bandeiras e datas, que mostram países da América Latina que, naquele momento (final de 2020), já informavam a data para o início da vacinação, como México, Costa Rica, Porto Rico, Chile e Argentina. De forma contrária, o Brasil, no mapa, não mostra a data, mas sim a expressão “Dia D

<sup>13</sup> Disponível em: [https://twitter.com/em\\_com/status/1348822742515200001/photo/1](https://twitter.com/em_com/status/1348822742515200001/photo/1). Acesso em: 02 ago. 2021.

<sup>14</sup> Para mais informações sobre a análise de memes em uma perspectiva semântico-enunciativa, confira: SILVA e DALMASCHIO, 2021.

e Hora H”, enfatizando data indefinida do início da vacinação. A ilustração faz uma crítica ao dito do então ministro da saúde Eduardo Pazuello, de que o início da vacinação aconteceria no “Dia D e Hora H”. Ao mesmo tempo, destaca-se, no mapa do Brasil, o número de mortos pela doença em janeiro de 2021. O meme, portanto, insere, no referencial de dúvida que a FN mencionada carrega, o referencial de humor, ressaltando não somente a falta de precisão de uma decisão do Estado, mas, principalmente, seu caráter cômico quando comparado a outros países economicamente semelhantes. Ao mesmo tempo, a imagem (Figura 6) tenta expressar a tragédia na condução da pandemia, destacando, ainda mais, a falta de seriedade do governo brasileiro.

Vejamos outra imagem (Figura 7) que mobiliza para a FN “Dia D e Hora H”.

### **Figura 7 - Meme que aciona o referencial histórico da FN “Dia D e Hora H”.<sup>15</sup>**



**Fonte: Matheus Moreira (Folha de São Paulo, 2021)**

<sup>15</sup> Legenda: O meme repete/viraliza a cena em que o então ministro da saúde Eduardo Pazuello (representado pelo personagem Mestre dos Magos, do desenho animado “Caverna do Dragão”) enuncia que a vacina estaria disponível “no dia D e na Hora H”. Tal personagem é conhecido por expressar-se por meio de enigmas. Disponível em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2021/01/12/a-vacina-vai-comecar-no-dia-d-hora-h-disse-o-m-da-s/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

Na imagem (Figura 7), o personagem Mestre dos Magos do desenho *Caverna do Dragão*, famoso por anunciar presságios em linguagem cifrada, é representado no palanque do Ministério da Saúde (como podemos observar pelos símbolos expostos ao fundo). Na cena/no contexto, o personagem pode ser comparado ao então Ministro da Saúde, porque (no meme) Eduardo Pazuello se comporta como o personagem em questão, ao trazer o enigma e a dúvida para o discurso, enunciando que “a vacina vai começar no dia D e na Hora H”. Por isso que a imagem de Pazuello é substituída pela do personagem dos anos 80 e a informação viraliza.

## Considerações finais

Partindo dos pressupostos teóricos da Semântica da Enunciação, que analisa a língua por meio de uma abordagem não referencialista, neste artigo analisamos as formações nominais “novo normal”, dia D” e “hora H” que expressam tempo e que, mais especificamente, apontam para o período pandêmico. Para isso, diferenciamos temporalidades e temporalizações. Na temporalidade, o tempo é instituído e institucionalizado, marcado pelas divisões em que há uma suposta linearidade em sua marcação. O conceito de temporalização, pelo qual optamos, apresenta o tempo como um acontecimento de linguagem, sendo historicizado e construindo sentidos em uma indicação própria. Aos olhos do tempo da pandemia, das vivências institucionalizadas por uma temporalidade específica, as formações nominais analisadas indicam as novidades vivenciadas no pós-SARS-CoV-2, ao enunciarmos “velho” ou “novo” normal. Nesse ponto, destacamos essas temporalizações que apontam para uma visão



sobre o tempo que burla a organização do enunciável, projetando sentidos historicamente situados, constituindo modos de dizer, de (re)significar o tempo.

Vale lembrar que as temporalizações coletadas sobre a pandemia se mostram como reflexo de uma futuridade que burla o cronológico: por elas, se instala o provisório, as enunciações que são tomadas a partir de referenciais, sejam eles positivos ou negativos, provindos de vivências nessa emergência mundial. De qualquer modo, se tomarmos os estudos enunciativos, podemos afirmar que o acontecimento mostra um modo de ver o mundo que se instala a partir do momento em que enunciamos sobre o vivido.

Pelas temporalizações construímos sentidos indefinidos que, de maneira imprecisa, nos trazem “novo normal”, “o velho normal”, “o dia D e a Hora H”. São formulações, portanto, que decretam as faces (e os dizeres) sobre o indefinido e que nos oferecem, ainda, muito a investigar.

## Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak. São Paulo: Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 1989.

CARVALHO, Gabriele C.; BIAVATI, Nádia D. F. Temporalizações na/da pandemia: a produção de sentidos como um marco linguístico e histórico. **Linguasagem**, v. 40, p. 227-248, 2021. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1385/860>. Acesso em 22 out. 2022.

DIAS, Luiz Francisco. Acontecimento Enunciativo e Formação Sintática. **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 35, p. 99-138, jan./jun. 2015a.

DIAS, Luiz Francisco. Língua e nacionalidade no Brasil na primeira metade do século XX. **Polifonia**, Cuiabá, v. 22, n. 31, p. 11-31, jan./jul. 2015b.

DIAS, Luiz Francisco. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica, Enunciação e Sentido**. Campinas: Pontes, 2018.

SILVA, J. J.; DALMASCHIO, L. O meme sob uma perspectiva semântico-enunciativa. **Entretexos**, v. 21, n. 1, p. 51-88, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/1519-5392.2021v21n1p51>. Acesso em 22 out. 2022.